

O NOROESTE E A “GRANDE REGIÃO FLUMINENSE DE PRODUÇÃO PETROLÍFERA”¹

THE NORTHWEST OF RIO DE JANEIRO STATE AND THE ‘FLUMINENSE GREAT REGION OF OIL PRODUCTION’

Resumo:

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre as formas de articulação da Mesorregião Noroeste Fluminense-NOF na atual dinâmica econômica do estado do Rio de Janeiro-ERJ e, particularmente, da “Grande Região Fluminense de Produção Petrolífera” – aqui compreendida conforme a definição de Cruz (2015) –, que abarca os territórios das mesorregiões Norte e Noroeste Fluminense e o das Baixadas Litorâneas-BL. O objetivo é contribuir para a compreensão dos processos de (des)integração de espaços sub-regionais periféricos em territórios polarizados por Grandes Investimentos.

Palavras-chave:

Noroeste Fluminense. Espaços sub-regionais periféricos. Produção Petrolífera.

Abstract:

This article points out some reflections on the forms of articulation of the Northwest of Rio de Janeiro State in the current economic dynamics of that State and, specially, of the ‘Fluminense Great Region of Oil Production’ – as defined by Cruz (2015) – that covers the North and Northwest regions of Rio de Janeiro State and the Baixadas Litorâneas – BL. The aim of this study is to help understand the processes of (dis) integration of peripheral sub-regional areas in territories polarized by Great Investments.

Keywords:

Northwest of Rio de Janeiro State. Peripheral sub-regional areas. Oil Production.

Fabio Gustavo Viana Siqueira

Professor do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Fluminense – Campus Itaperuna/RJ

fabiovsiqueira@gmail.com

José Luis Vianna da Cruz

Professor e Coordenador de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Regional e Gestão da Cidade, UCAM/Campos/RJ

joseluisvianna@uol.com.br

Autores como Cruz (2014) e Oliveira (2008), ao avaliar a dinâmica econômica recente do estado do Rio de Janeiro-ERJ, constatarem “um movimento de relativa desconcentração industrial da capital em direção [...] às regiões do interior do estado” (CRUZ, 2014, p. 4). Tal análise reitera a verificação da importância da atividade da indústria extrativa petrolífera, ou do Complexo de Exploração & Produção-E&P, e suas consequências na dinâmica territorial do estado. “O segmento da indústria extrativa do petróleo, que vem liderando a retomada da economia, está concentrado no interior, na Região Norte Fluminense” (idem). E acrescenta que o movimento geral do crescimento industrial em direção ao interior do estado vem se

mantendo como uma tendência ao longo da década: “a maior parte dos novos investimentos, iniciados [...] a partir de 2005-2007, tem lugar no interior do estado” (idem). No que se refere à dimensão territorial do desenvolvimento nas diversas regiões do estado, contudo, o autor não identifica uma política regional ou uma integração planejada:

[...] Apesar da desconcentração relativa em relação à capital, formam-se ‘ilhas dinâmicas’, sem grandes interações no interior dessas regiões e entre as regiões de Governo do estado. Observa-se, no entanto, que no segmento de petróleo e gás ocorre uma desconcentração relativa, por meio dos seus impactos territoriais [...] (CRUZ, 2014, p. 5).

“O segmento da indústria extrativa do petróleo, que vem liderando a retomada da economia, está concentrado no interior, na Região Norte Fluminense. (CRUZ, 2014)”

Assim, no complexo petrolífero, sediado no Norte Fluminense-NF, há

uma concentração territorial em Macaé, que absorve majoritariamente o crescimento demográfico e do emprego, apresentando um mercado de trabalho que supera em muito os dos outros municípios do NF e das regiões vizinhas das Baixadas Litorâneas e do Noroeste Fluminense, tanto proporcionalmente quanto em números absolutos. O emprego formal, nesse município, chega ao dobro do de Campos, o qual possui duas vezes mais quantidade de população. Cabe ressaltar, entretanto, que esse pujante mercado de trabalho absorve um grande número de “trabalhadores que se deslocam diariamente, ou sazonalmente, [...] entre seus municípios de residência e Macaé” (CRUZ, 2014, p. 12).

Terra e Souza empreenderam estudo sobre esse expressivo mercado de trabalho observado nos municípios produtores de petróleo da Bacia de Campos – com destaque absoluto para Macaé – a fim de apontar o

Nível de dependência de um mercado de trabalho de mão de obra exógena, constituída tanto por todos os trabalhadores imigrantes (não naturais e de data fixa) residentes em determinado município quanto por trabalhadores pendulares” (TERRA; SOUZA, 2015, p. 123).

A análise proposta pelo artigo, que considera os dez municípios “produtores” localizados nas regiões das BL e do NF, faz referência ao incremento significativo do número de trabalhadores pendulares na região, observado entre 2000 e 2010, identificado pelas mesmas autoras em estudo anterior (TERRA e SOUZA, 2012) ao abordar:

[...] a relação entre o desenvolvimento da indústria petrolífera e a nova dinâmica econômica e territorial no Rio de Janeiro, na tentativa de demonstrar que, embora a indústria petrolífera se concentre em Macaé, haja diferenças socioeconômicas entre os municípios e inexistam uma força agregadora que os transforme em uma ‘aglomeração urbana’, não deve ser menosprezada a imensa interação socioeconômica e demográfica que há entre eles [...]. Busca-se, com isso, demonstrar a capacidade de atração que os municípios em questão exercem sobre [...] indivíduos que residem [...] em diferentes municípios do Rio de Janeiro. (TERRA; SOUZA; CAMPOS, 2012 apud TERRA; SOUZA, 2015, p. 124).

“A análise proposta pelo artigo, que considera os dez municípios “produtores” localizados nas regiões das BL e do NF, faz referência ao incremento significativo do número de trabalhadores pendulares na região [...]”

Tecendo considerações sobre as tendências observadas nos padrões migratórios brasileiros, a partir da segunda metade do século XX, observando as mudanças ocasionadas pela industrialização, essas autoras pontuam diversos aspectos, dentre os quais dois relacionados mais diretamente ao contexto regional sobre o qual se debruça este artigo:

Intensificação dos movimentos pendulares; Surgimento de eixos de deslocamentos populacionais em direção a regiões interiores” (TERRA; SOUZA, 2015, p. 125).

Esses aspectos podem ser claramente identificados no caso analisado pelo artigo citado, cujo objeto é o impacto da demanda por mão de obra na região que sedia a indústria petrolífera fluminense. Assim, Terra e Souza (2015) abordam as mudanças nas dinâmicas econômica e territorial do ERJ a partir da implantação da atividade extrativa petrolífera no NF, nos anos 1980, identificando as atividades de exploração mineral como vetor de um processo de interiorização da atividade econômica – tendo como reflexo o surgimento de novas centralidades urbanas – observado à escala nacional por Simões e Amaral (2011 apud TERRA; SOUZA, 2015, p. 126).

A indústria petrolífera, por exemplo, tem gerado novas polarizações demográficas e produzido significativas alterações na espacialização da riqueza no Rio de Janeiro. Isso decorre de seus crescentes investimentos na atividade de exploração, desenvolvimento e produção de petróleo e gás (segmento denominado upstream) e das elevadas compensações financeiras pagas aos municípios considerados “produtores de petróleo” (confrontantes com os poços offshore em operação). Tais fatores foram alguns dos que mais contribuíram para que a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, apesar da excessiva polarização em termos econômicos e populacionais, iniciasse um processo de redução do seu peso na economia fluminense.

[...] o crescimento médio anual da população da Região Metropolitana foi, na última década, inferior à média estadual e significativamente inferior às taxas de crescimento observadas nas Regiões das Baixadas Litorâneas, que apresentou o maior crescimento médio anual (3,8%), [...] e do Norte Fluminense (2,0%).

[...] As Regiões das Baixadas Litorâneas e do Norte Fluminense distinguiram-se do restante, devido ao aumento, na última década, de suas participações relativas na composição do PIB estadual, de 3,41% e 6,49% para 5,25% e 11,21% respectivamente (TERRA e SOUZA, 2015, p. 126-127).

Cruz (2013; 2014) e Terra e Souza (2015) identificam, a partir dos levantamentos empreendidos em suas pesquisas, o papel dos diversos investimentos de grande magnitude previstos para o Norte Fluminense. Investimentos capazes de retroalimentar, nos próximos anos, a dinâmica em curso no sentido da redistribuição espacial da população – oriunda de outras regiões

do ERJ e do País – tendo como um dos principais destinos a Bacia de Campos. E, também, de atrair para os centros urbanos, onde estão as bases de apoio e suporte à atividade petrolífera, uma massa de trabalhadores que se deslocam regularmente de seus municípios de residência para trabalhar no NF, especialmente em Macaé, em um movimento pendular muitas vezes favorecido por deslocamentos de distância e tempo, que podem ser considerados curtos em termos relativos.

Além desses trabalhadores residentes em municípios das mesorregiões vizinhas do ERJ e mesmo de outros estados do País, Macaé também atrai migrantes – que impulsionam o crescimento populacional do município e de municípios contíguos das Mesorregiões Norte Fluminense e Baixadas Litorâneas – em função do dinamismo econômico gerado pela atividade extrativista industrial mineral no NF.

Considerando os municípios da Organização dos Municípios Produtores de Petróleo e Gás da Bacia de Campos – OMPETRO (Campos dos Goytacazes, Macaé, São João da Barra, Quissamã, Carapebus, no NF; Rio das Ostras, Cabo Frio, Armação de Búzios e Casimiro de Abreu, na BL), estudo de Souza, Terra e Campos (2013 apud TERRA; SOUZA, 2015, p. 132) constatou que “a pendularidade por motivo de trabalho aumentou de 14.019 trabalhadores, em 2000, para 43.642, em 2010”.

Esses dados, segundo estas autoras, representam a configuração de

Um processo incipiente de ‘complexificação da rede urbana’ (OJIMA; MARANDOLA JR., 2012) no Norte Fluminense, a exemplo do que vem ocorrendo no restante do País e, mais especificamente, em outras regiões do próprio Rio de Janeiro” (TERRA; SOUZA, 2015, p. 132).

Ainda segundo essa análise, estes índices de pendularidade

Refletem uma articulação crescente entre os municípios, desde a Baixada Litorânea até o Norte Fluminense [...]. Eles reforçam [...] a ideia de que a pendularidade tornou-se, em certa medida, um estilo de vida (MOURA; BRANCO; FIRKOWSKI, 2005), na medida em que, para um número cada vez maior de pessoas, inclusive em áreas não metropolitanas, o local de trabalho vem sendo dissociado do de residência (TERRA; SOUZA, 2015, p. 132).

O Noroeste Fluminense, enquanto mesorregião tradicionalmente periférica, polarizada pelo Norte Fluminense, particularmente durante mais de dois séculos de monocultura canavieira, entrou em declínio econômico desde meados do século XX, apresentando indicadores socioeconômicos dentre os mais desfavoráveis das regiões de governo do estado. Ante os dados da intensa polaridade presente na economia regional, localizada no norte do estado, e frente à ausência de indicadores de forte dinâmica econômica no noroeste, pergunta-se se estaria ocorrendo alguma forma de articulação, via mercado de trabalho, desta mesorregião com a dinâmica da indústria petrolífera regional, e quais seriam os impactos sobre a melhoria recente nos seus indicadores demográficos e socioeconômicos.

Os municípios do Noroeste Fluminense participam do conjunto de localidades de origem desse contingente de trabalhadores pendulares que trabalham no NF - sobretudo em Macaé -, haja vista a forte presença de instituições de formação e qualificação profissional no seu maior polo, o município de Itaperuna. Essa hipótese, levando-se em conta os requisitos de especialização e qualificação que envolvem os postos de trabalho na indústria petrolífera, se associa à lógica da "economia da aprendizagem" de que nos fala Oliveira (2008, p. 223), o que faz de Itaperuna um dos "lugares" que se articula no ERJ, numa perspectiva "regional" de desenvolvimento (OLIVEIRA, 2008, p. 223-224).

A esse propósito, Cruz (2015) destaca a ampliação das oportunidades para formação de mão de obra nas mesorregiões da Grande Região Fluminense de Produção Petrolífera: "Ampliaram-se enormemente os equipamentos de ensino profissional, regular e não-regular, de níveis elementar, médio e superior, voltados para os complexos de E&P e do Açú [...]" (CRUZ, 2015, p. 8).

Considerando a perspectiva territorial observada neste artigo, cabe adotar, com relação à análise dos fluxos pendulares, a mesma compreensão de Terra e Souza (2015), qual seja, a opção por um "conceito mais amplo de pendula-

ridade", não restringindo a análise "à pendularidade daqueles que retornam diariamente para casa, dado o regime de contratação em turnos de um número significativo de trabalhadores no segmento *upstream* da indústria do petróleo." A opção se justifica em função da particularidade do trabalho nas plataformas de E&P da Bacia de Campos: o trabalho offshore, ou o "trabalho embarcado", no qual os trabalhadores permanecem nas plataformas por períodos contínuos de, no mínimo, 14 dias, passando um período igual ou próximo a este em casa.

No que se refere aos fluxos de pendularidade intra-estadual, de especial interesse para este trabalho, o artigo de Terra e Souza (2015), como já foi apontado, indica uma posição destacada de Macaé como área de atração, tendo este município obtido o saldo de 41.050 trabalhadores em 2010, bem mais do que o município que ocupa a segunda posição quanto a esse aspecto da mobilidade pendular no universo dos membros da OMPETRO, Armação de Búzios, com saldo de 6.482 trabalhadores sazonais, enquanto todos os demais municípios analisados apresentaram saldo pendular negativo nos dados do Censo de 2010. Cerca de 55% do total de trabalhadores pendulares eram absorvidos por Macaé (TERRA; SOUZA, 2015, p. 133-134).

Esses dados reforçam a percepção do relevante papel da Grande Região Fluminense de Produção Petrolífera no contexto atual do desenvolvimento no ERJ, e, particularmente, da importância de Macaé como polo econômico, não apenas do Norte Fluminense mas do vetor territorial que vai da Região Metropolitana ao norte do estado, incluindo as mesorregiões das Baixadas Litorâneas e do Noroeste Fluminense.

[...] Apesar de Campos dos Goytacazes ser maior e apresentar uma economia mais diversificada, é Macaé que exerce uma importante centralidade: é em torno dele que se (re)organiza o tecido urbano regional.

Deve-se considerar que Macaé é aquele que possui a planta industrial mais desenvolvida, sediando a base da indústria da exploração e produção de petróleo e gás. Esse fato explica a

forte atração que ele exerce não apenas sobre os trabalhadores migrantes mas também sobre os pendulares. (TERRA; SOUZA, 2015, p. 134).

Tal fato reforça a percepção da existência de importantes impactos positivos da renda oriunda do emprego na indústria petrolífera em outras regiões do ERJ, particularmente no NF e NOF, visto que Macaé apresenta um nível extremamente alto de dependência de mão de obra oriunda de outros municípios, com grande participação da pendularidade intra-estadual, o que é corroborado pela desproporção entre a População Economicamente Ativa-PEA e o número de habitantes do município:

[...] em Macaé, a PEA ocupada no município é, de fato, superior à residente. Isso significa que, mesmo se toda a população ocupada residente [...] fosse completamente absorvida pelos respectivos mercados de trabalho, ainda assim faltariam trabalhadores para ocuparem todos os postos de trabalho existentes (TERRA; SOUZA, 2015, p. 138).

"No que se refere aos fluxos de pendularidade intra-estadual, de especial interesse para este trabalho, o artigo de Terra e Souza (2015), como já foi apontado, indica uma posição destacada de Macaé como área de atração [...]"

Macaé apresenta, em termos gerais - considerando os migrantes - um nível bastante elevado de "dependência de mão de obra exógena" - 59,69% -, e um peso relevante dos trabalhadores pendulares nesse universo, similar ao representado pelo componente migração, no cálculo do indicador produzido pelas autoras quanto à dependência de mão de obra nos municípios estudados. "Dentre os trabalhadores exógenos, em Macaé, 57,3% são pendulares" (TERRA; SOUZA, 2015, p. 139) - incluídos aí os intra-estaduais.

Segundo Cruz (2014), a partir desse movimento pendular, que resulta da particularidade do trabalho no Complexo de E&P observado no NF, no NOF e na BL, é possível imaginar a ocorrência de importantes impactos econômicos derivados da circulação da renda gerada pelo emprego na atividade petrolífera regional. “A massa salarial desse grande contingente de trabalhadores de média e alta qualificação é, em grande parte, aplicada em pequenos negócios ou em imóveis, nos municípios de residência.” (CRUZ, 2014, p. 32)

A título de argumentação, é importante destacar que alguns dados positivos observados nos indicadores socioeconômicos do NOF na década de 2000 podem estar ligados a essa dinâmica de pendularidade da mão de obra e à transferência de renda a partir do trabalho, que, associado

[...] à capilaridade das políticas federal, estadual e municipal, de transferência de renda e de assistência social, reforçados, ainda, pela interiorização dos equipamentos de educação profissional de segundo grau e de ensino superior, que ocorre no interior do País, podem ajudar a explicar a retomada do crescimento demográfico dos municípios periféricos dessas duas regiões entre 2000 e 2010, após décadas de estagnação e de taxas negativas (CRUZ, 2014, p. 32).

Essa articulação espontânea crescente entre as mesorregiões da porção norte do estado, ainda que limitada ao aspecto de fornecedora de mão de obra, no caso do NOF, constitui, para Cruz (2014), um importante objeto de estudo para a compreensão das inúmeras variáveis que interferem na articulação dos territórios impactados por Grandes Projetos de Investimento,

e que se torna imprescindível para a formulação de políticas regionais de desenvolvimento.

“A título de argumentação, é importante destacar que alguns dados positivos observados nos indicadores socioeconômicos do NOF na década de 2000 podem estar ligados a essa dinâmica de pendularidade da mão de obra e à transferência de renda a partir do trabalho [...]”

Na perspectiva do desenvolvimento regional, a incorporação da Mesorregião Noroeste Fluminense na unidade analítica territorial, aqui denominada Grande Região Fluminense de Produção Petrolífera, caracteriza, no sentido analítico mais amplo, um processo de integração “subalterna”, aparentemente restrita ao papel de “fornecedora de força de trabalho”, não só para o Complexo de E&P de petróleo e gás nucleado em Macaé mas também para o Grande Projeto de Investimento do Porto do Açú, uma vez que a maioria dos postos de trabalho encontram-se, “principalmente, nos segmentos de baixa e média qualificação, inibindo a retomada de uma dinâmica econômica própria ou sustentável” (CRUZ, 2015, p. 7).

Esse fenômeno, se, por um lado, introduz um fluxo de renda nas porções menos dinâmicas do território, permitindo que os trabalhadores mantenham sua residência, pequenos negócios e consumo nas cidades de origem, por outro, a inserção restrita na dinâmica da economia regional do petróleo, dada a sua poderosa capacidade de polarização e concentração, obstaculiza possibilidades de diversificação econômica no entorno territorial do Complexo.

Assim sendo, a região NOF – marcada historicamente, após a erradicação da cafeicultura e a decadência da monocultura canavieira, por décadas de estagnação e de indicadores socioeconômicos desfavoráveis, dentre os mais baixos do ERJ –, fronteira à região produtora de petróleo, é, paradoxalmente, uma região penalizada no contexto do atual processo de interiorização do desenvolvimento ERJ.

A relativa “desconcentração econômica” com relação à Região Metropolitana do Rio de Janeiro-RMRJ, a retomada do desenvolvimento e a “interiorização” identificada por Oliveira (2008) – ou “desconcentração produtiva” e espacial como preferem Silva (2012) e Cruz (2013) –, ao mesmo tempo que inserem o NOF de forma subalterna na Grande Região Fluminense de Produção Petrolífera, contêm óbices à sua dinamização, por meio do reforço e implantação de atividades econômicas alternativas e diversificadas ou da implementação de programas que invistam em práticas e possibilidades voltadas para o desenvolvimento integrado dos espaços regionais do estado do Rio de Janeiro.

Notas

1 Este artigo decorre das pesquisas no âmbito do Projeto FAPERJ, intitulado “O Norte, o Noroeste Fluminense, as Baixadas Litorâneas e o Complexo de Exploração e Produção de Petróleo e Gás: dinâmica socioeconômica, mercado de trabalho, desenvolvimento regional e gestão territorial”.

2 O Grande Projeto de Investimento do Porto do Açú é um Complexo Portuário e Industrial de grande porte, apoiado na exportação de minério de ferro e no apoio às atividades *offshore* do Complexo de E&P de petróleo e gás, instalado no município de S. João da Barra, no NF, e que começou a operar em 2014.

Referências

- CRUZ, J. L. V. da. “Os desafios da construção do desenvolvimento no Estado do Rio de Janeiro”. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense. Rio de Janeiro, n. 2, 2013.
- _____. Dinâmica Socioeconômica e Territorial no Estado do Rio de Janeiro Contemporâneo. Mimeo. 2014.
- _____. Indústria Extrativa Petrolífera Fluminense e Limites ao Desenvolvimento Regional. Mimeo. 2015.
- OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. Reestruturação Produtiva, Território e Poder no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- TERRA, D. C. T.; SOUZA, J. Indústria petrolífera, mercado de trabalho e nível de dependência da mão de obra exógena nos municípios produtores de petróleo da Bacia de Campos, RJ. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 17, n. 1, p. 123-143, 2015.
- SILVA, R. D. Indústria e desenvolvimento regional no Rio de Janeiro, 1990-2008. Rio de Janeiro: FGV, 2012.